

CAMPESINATO E SUAS MANIFESTAÇÕES

MARIA DAS GRAÇAS SILVA NASCIMENTO SILVA*

RESUMO: A proposta deste trabalho é fazer uma Resenha Crítica do Artigo "O Camponês: Um trabalhador para o Capital" de WANDERELEY, (1979). São analisadas pela autora, várias obras que tratam da questão do campo brasileiros até o final da década de 70. WANDERLEY tem como objetivo principal de reflexão entender a natureza das relações sociais existentes na agricultura, em especial, as que envolvem o pequeno produtor familiar.

PALAVRAS-CHAVE: Entender, Natureza e Crítica.

ABSTRACT: The proposal of this work is to do a Critical Review of the Article " THE Farmer: A worker for the Capital " of WANDERELEY, (1979). Saint analyzed by the author, several works that you/they treat from the subject of the Brazilian field to the end of the decade of 70. WANDERLEY has as objective reflection principal to understand the nature of the existent social relationships in the agriculture, especially, the ones that involve the small family producer.

KEYWORDS: To understand, Nature and Critic

"Vivendo na terra e do que ela produz, plantando e colhendo o alimento que vai para sua mesa e para a do príncipe, do tecelão e do soldado, o camponês é o trabalhador que se envolve mais diretamente com os segredos da natureza. A céu aberto, é um observador dos astros e dos elementos. Sabe de onde sopra o vento, quando virá a primeira chuva, que insetos podem ameaçar seus cultivos, quantas horas deverão ser dedicadas a determinada tarefa. Seu conhecimento do tempo e do espaço é profundo e já existia antes daquilo que convencionamos chamar de ciência". (MOURA M.M. - OS CAMPONESES).

A proposta deste trabalho é fazer uma Resenha Crítica do Artigo "O Camponês: Um trabalhador para o Capital" de WANDERELEY, (1979). São analisadas pela autora, várias obras que tratam da questão do campo brasileiros até o final da década de 70. WANDERLEY tem como objetivo principal de reflexão entender a natureza das relações sociais existentes na agricultura, em especial, as que envolvem o pequeno produtor familiar.

Nessa leitura, a autora cita a obra de Caio Prado Jr. "A Revolução Brasileira", que, para ela foi o marco importante da evolução dos estudos no campo brasileiro. Nesta, PRADO JR deixa claro que no campo brasileiro todas as relações de trabalho são de assalariamento, negando a existência do camponês, nos principais setores da agricultura. A questão fundamental do trabalho de PRADO JR era de afastar de vez a tese do feudalismo no campo brasileiro.

Outro autor citado por WANDERLEY é Palmeira que entra numa discussão de combinação de Modos de Produção que permitiu a emergência do latifúndio, que é entendida por ele como "Unidade Econômica", essa Unidade a que se refere, está adequada ao sistema de *"plantation"*, que é uma derivação do capitalismo autoritário, onde a mão de obra desse sistema não pode ocupar a terra e as relações de trabalho se dão de forma escravista ou assalariado formal. Em alguns sistemas *plantation* tem seus trabalhadores vinculados aos estabelecimentos, mas isso não os caracteriza como camponês segundo PALMEIRA. Para Lígia Sigoud, que também trabalha com o sistema *"plantation"*, nesse caso na zona da mata pernambucana, onde ela considera esse sistema como sendo "uma formação social e os trabalhadores rurais, como uma classe social desta formação". Essa classe, a que se refere SIGOUD, é considerada a partir das diversas categorias ou tipos de trabalhadores em função da relação contratual que mantém com os proprietários.

Afrânio Garcia, que trabalha com os foreiros da zona da mata pernambucana, entende a relação do sistema "plantation" como um "campesinato marginal a esse sistema". Nessa obra o autor procura entender a estrutura da produção baseada no trabalho familiar, e diz que o campesinato é um modo de produção subordinado, podendo se articular com vários outros modos de produção ditos dominantes. Otávio Guilherme Velho, também pensa dessa forma, ou seja, o campesinato como um modo de produção subordinado, e considera como elemento central para definir o campesinato é o conceito de subordinação. E essa reprodução, segundo VELHO, difere em função das formas que assume o capitalismo. Essas formas para ele são: capitalismo burguês e o capitalismo autoritário. No capitalismo burguês ou moderno "existe a possibilidade da pequena produção transformar-se em produção complexa, reproduzindo internamente as principais contradições de classe". Já o capitalismo autoritário o "campesinato não é destruído, mas é como que confinado dentro dos limites de um espaço social dado."

Diante desses autores que trabalham com o conceito de categoria, percebe-se que as relações de trabalho no campo brasileiro são bastante heterogêneas. Apesar de algumas correntes verem o campesinato como uma categoria em extinção, o campo brasileiro prova o contrário, pois hoje uma das características do capitalismo no campo é o crescimento do campesinato em termos absoluto. Com as transformações que sofreu o campesinato no mundo, a tendência de extinção era predominante. "Na maioria, porém, o camponês adaptou-se e foi adaptado, transformou-se e foi transformado, diferenciou-se internamente, mas permaneceu indetectável como tal" (MOURA, 1986:19).

A expansão dos chamados complexos agroindustriais tem "transformado o camponês num trabalhador para o capital, sem torná-lo um operário". Um dos exemplos que temos é do Frigorífico da Sadia em Mato Grosso do Sul, onde os camponeses criam as aves e vendem para o Frigorífico para serem abatidas; outro exemplo são os plantadores de tomates em São Paulo, que vendem sua produção toda para as indústrias de massa de tomates.

Esse é o camponês definido por WANDERLEY, ou seja, o produtor que desenvolve suas atividades dentro de um espaço criado pelo capital, onde ela chama de "trabalhador para o capital". É descartada a possibilidade do capital proletarizar a totalidade dos trabalhadores no campo. Mesmo nos países onde o capitalismo está num estágio já bem avançado, ou mesmo nos ex-países socialistas a exploração familiar não foi destruída. No Brasil, segundo WANDERLEY, o capital produziu um trabalhador não proletarizado, que ela chama de "camponês reproduzido pelo capital".

MOURA analisa o conceito de camponês em vários trabalhos de cientista sociais e chega a conclusão de que o camponês tem várias faces: "uma delas é defini-lo como cultivador de pequenas extensões de terras, as quais controla diretamente com sua família" (MOURA, 1986:12); outra definição é do "cultivador que trabalha a terra, opondo-o aquele que dirige o empreendimento rural". Nesse caso o camponês é um produtor que se define por oposição ao não produtor. Alguns autores chegam a denominar esse pequeno proprietário rural de "camponês parcelar". Mas para MOURA, o termo camponês é repleto de conteúdos culturais e políticos, portanto não é possível omitir o conceito de camponês para falar apenas em pequeno produtor.

WANDERLEY, para reforçar o seu conceito de camponês reproduzido pelo

capital, faz uma reflexão em cima da grande propriedade. A expansão do capitalismo no campo brasileiro se deu tendo como base a grande propriedade, que na verdade é uma herança colonial e que hoje ainda é favorecida por parte do governo, com incentivos fiscais e financeiros. É também uma herança colonial se apropriar da força de trabalho não proletarizada, pela grande propriedade. São camponesas que têm sua parcela de terra, que são cultivadas algumas culturas para a sua subsistência, e vende parte de sua força de trabalho para a grande propriedade. Essa venda temporária da força de trabalho é para garantir a sua reprodução nesse duplo espaço.

A pequena propriedade existe desde a época do Brasil colonial, mas com características parecidas com as de hoje. Não existia título jurídico para a pequena propriedade, apenas para a sesmaria. O camponês não tinha muita opção para escolher: ou trabalhava na grande propriedade ou ocupava terras distantes e isoladas. É nestas condições que a agricultura camponesa, fugindo da grande propriedade consegue manter um nível de consumo próximo do mínimo vital. A partir do momento que a grande propriedade vai avançando e englobando "novas" terras, entre em conflito com essa população já instalada; o que o camponês faz? Ou se incorpora ao latifúndio ou sai em busca de novas terras, como mostra a fala de um colono que migrou para Rondônia:

"Pois é, nós éramos oitenta e quatro famílias. Trabalhava-mos na fazenda de propriedade do prefeito de Toledo no Paraná. Ele tinha dois mil alqueires de mata na fazenda. Ele fez contrato com nós de que nós derrubávamos o mato e plantávamos durante três anos. No final do primeiro ano, quando nós íamos colher a primeira plantação, ele mandou avisar que ia passar a máquina e plantar mais soja. A "força" e os advogados estão sempre com eles. Logo tivemos que vir para Rondônia. Nós e muitas famílias que foram expulsas da terra da fazenda". (CALVENTE, 1980:45).

Os Projetos de Colonização tanto oficial como particular, já trazem em seu bojo esse conflito, pois nesses projetos já está contemplada a grande propriedade, muitas vezes quando esse colono chega ao local a grande propriedade já está esperando-o. Temos em Ariquemes/RO, dois projetos assentados pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), onde em uma área foram assentados colonos e o tamanho da propriedade não ultrapassa cem hectares. E ao lado estão assentados os médios proprietários, onde o tamanho da propriedade varia de quinhentos a hum mil hectares. O que ocorre com frequência é que esses pequenos proprietários vendem parte de sua força de trabalho nos lotes

desses ditos médios proprietários. A situação desse colono que chega à Amazônia, nesse caso, em Rondônia, é diferente das outras migrações que esse colono já fez, pois na Amazônia ele encontra uma floresta densa e desconhecida, e muitas vezes ele entra em conflito com populações já existentes no local, como os seringueiros que são pequenos agricultores e os índios. No caso dos seringueiros ou foram para as cidades ou para outros seringais e um número bem reduzido foram "contemplados" com os Assentamentos realizados pelo INCRA, já os índios tiveram seu território reduzido.

As diferentes culturas e o modo de como esse colono vêem a terra é bem diferente das populações já existentes no local. O colono recém chegado na Amazônia trata de fazer a derrubada e queimada da floresta para fazer sua roça, nessas derrubadas e queimadas foram destruídas muitas seringueiras e castanheiras para dar lugar a outras culturas que, em alguns casos, não se adaptam ao tipo de solo e de clima da região Amazônica. Já a população da região trabalha com os produtos da floresta sem precisar destruí-la. Ou seja, são duas formas de olhar e produzir o mesmo espaço.

WANDERLEY trata também da produção e da comercialização dos produtos da Unidade Camponesa, que para alguns estudiosos do campo essa lógica de produção camponesa não está muito clara, e acham o camponês um ser incapaz de produzir o suficiente para atingir a sua auto-suficiência. CHAYANOV chama isso de balanço entre TRABALHO e o CONSUMO, isto é, o esforço exigido para a realização do trabalho e o grau de satisfação das necessidades da família, e a relação entre Trabalho e Consumo é definida internamente ao nível da própria família. Ou seja o camponês trabalha em cima do limite ótimo para satisfazer as suas necessidades, não existindo a auto-exploração. Essa é a lógica de produção camponesa explicada por CHAYANOV, e que, portanto deve ser entendida como tal. Se for explicada pela lógica do capital o tempo vai ser outro: do relógio, e não mais o tempo cultural que não é controlado pelo relógio.

O que o camponês comercializa nem sempre é o excedente e sim a forma que os permite adquirir os produtos e instrumentos de trabalho que ele não produz. Mesmo que esse camponês tenha a liberdade de administrar o seu próprio tempo e de cultivar qualquer cultura, ele não escapa do controle do capital externo, através do mecanismo de mercado: tipo de cultura, forma de comercialização, localização da força de trabalho etc. Neste processo o camponês tende a especializar sua

agricultura, cultivando e concentrando esforços aos produtos que tenham preço no mercado, isso faz com que o pequeno produtor acentue suas relações com o mercado. Mas não deixando de produzir para o consumo, embora sua atividade principal esteja destinada ao mercado.

Sabemos que a propriedade privada da terra é condição fundamental para o trabalho e familiar e sua reprodução enquanto camponês. Mas no Brasil tem muito camponês querendo entrar na terra para trabalhar, e os que já têm terra, muitas vezes ela não é suficiente para comportar a Unidade de Produção Familiar, ou seja, o limite do seu lote está sendo incapaz de garantir a sua sobrevivência. E para se reproduzir o camponês tem que vender sua força de trabalho na grande propriedade, ou na cidade, no caso de outros membros da família que não seja o chefe da família, para adquirir novas terras e garantir a sua reprodução enquanto Unidade de Produção Familiar.

Sendo assim, "o camponês ocupa um estreito espaço limitado pelo capital, nessas condições ele é impedido de acumular; é por isso que ele é reproduzido, um delimitado agente necessário da acumulação, que se realiza a partir do seu sobre trabalho, mas fora de sua Unidade de Produção e não em seu próprio proveito" (WANDERLEY, 1979:74).

A autora admite que dentro do campesinato brasileiro, algumas Unidades familiares estejam empregando tecnologia acima da média e com isso estão se capitalizando, mas para ela essa parcela do campesinato está longe de se tomar um "farmer" americano.

O campesinato no Brasil se manifesta de diversas formas e situações, que apesar da especificidade de cada situação o camponês guarda uma base comum no que se refere a sua condição de existência, interesse e objetivos; que é de ter acesso as terra, se reproduzir enquanto camponês, administrar o seu tempo que não é o tempo do relógio e sim o tempo cultural. É essa lógica que precisa ser entendida e respeitada como tal, e talvez essa justifique o intenso movimento migratório em busca da fronteira de terras "livres". MARTINS considera que "as histórias dessas migrações são histórias épicas. São histórias de expulsão da terra, da chegada das grandes fazendas, na necessidade de ir adiante procurar um novo espaço, fazer um novo rancho, derrubar a mata, queimar e coivarar o terreno, fazer a roça e esperara chuva, a colheita, o grileiro, o jagunço, o oficial de justiça, o soldado, a expulsão para mais adiante, para começar de novo". (MARTINS, 1981:121).

Para alguns autores, a busca da fronteira de terras "livres" já se esgotaram, o que existe agora é um movimento inverso de migração, ou seja, os camponeses estão voltando para suas regiões, estão exigindo terras nos seus Estados e não querem terra em outro lugar.

BIBLIOGRAFIA

- CALVENTE, A.T. **Formações Não Capitalistas no Movimento de Ocupação na Amazônia: Colonização em Rondônia-1970a 1980**. Dissertação de Mestrado, Mimeog. Brasília,, 1980.
- MARTINS, J.S. **Os Camponeses e a Política no Brasil**. RJ, Vozes, 1981.
- MOURA, M.M. **Camponeses**. Ática, SP, 1986.
- OLIVEIRA, A.U. **Modo Capitalista de Produção Agrícola**. São Paulo, Ática, 1987.
- WANDERLEY, M.N.B. **O Camponês: Um Trabalhador para o Capital**. SP, Mimeo, 1979.
- CHAYANOV Alexander. **La Organización de la economía**. Campesina. Buenos Aires. MNueva Vision. 1974
- PALMEIRA, Moacir. **Casa e Trabalho: nota sobre as Relações Sociais na Plantation Traditional**. Rio de Janeiro, Contraponto, 2 (2): 104, Nov, 1977
- VELHO, Otavio Guilherme. **Capitalismo Autoritário e Campesino: um estudo comparativo a partir da Fronteira em Movimento**. Difel, São Paulo, 1976.
- PRADO JR, Caio. **A Revolução Brasileira**, São Paulo, Brasiliense, 1970.

MARIA DAS GRAÇAS SILVA NASCIMENTO SILVA . Mestra em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo, Pesquisadora do Centro do Imaginário Social e Laboratório de Geografia Humana e Planejamento Ambiental.